

# Polifonia Ética: o suicídio em *Graça Infinita*

Bolsista Lucas Demingos de Oliveira PIBIC-CNPQ  
Orientador Rita Terezinha Schmidt

*Graça Infinita* de David Foster Wallace (2014), compreende um tour de force de 1136 páginas, 388 notas do autor e dezenas de personagens e histórias, que se atravessam numa metalepse contínua. A narrativa apresenta um escopo gigante de personagens detalhados, dos quais a maior parte das ações se passam em três locais principais: a Academia de Tênis Enfield, a encosta de uma montanha em Tucson e por último, a casa Ennet de Recuperação de Drogas e Álcool. Os personagens são ligados entre si através de sua relação com o Entretenimento, um filme criado pelo cientista óptico e cineasta James O. Incandenza, capaz de fazer com que o espectador não queira nada mais além de revê-lo, inevitavelmente morrendo por inanição.

Minha pesquisa consiste em mostrar como Wallace, ao criar um futuro distópico, possibilita configurações de cenário e subjetividade pós-humanista, que desafiam e apagam oposições fundadas no Humanismo, como homem/mundo, mente/corpo e homem/instrumento (BADMINGTON, 2011; BRAIDOTTI, 2013; CADAVA; CONNOR; NANCY, 1991; WOLFE, 2010), viabilizando questionamentos sobre ética do suicídio pensados além dessas oposições. Analisando os diferentes discursos filosóficos em relação ao suicídio que são tecidos ao longo da narrativa (BAKHTIN, 1984; BATTIN, 2015), proponho demonstrar que ao invés de estabelecerem um confronto ou uma dicotomia, apresentam a possibilidade de um diálogo, engajando uma relação de respeito, evitando apontar uma resposta pronta e única, o romance acena uma reflexão profunda e responsável sobre o tema.

Desenvolvidos principalmente a partir dos anos 90, para Braidotti (2013) o ponto de partida para o nascimento do Pós-humanismo enquanto discurso crítico e seu estabelecimento nas ciências humanas é, sobretudo, o anti-humanismo e o declínio das premissas Humanistas como o progresso racionalista-científico da humanidade em direção à perfeição.

## ESPAÇO E SUBJETIVIDADE PÓS-HUMANISTA

Ao longo do romance, Wallace constrói um espaço no qual dicotomias são constantemente desfeitas, seja diretamente através dos personagens, seja através da inserção de narrativas periféricas. A título de exemplo, a decisão de um personagem afeta não apenas ele, mas suas consequências, se desenrolam fora do seu controle e "demonstram que ações individuais têm lugar dentro de sistemas além da sua compreensão" (BURN, 2013 p. 57), questionando desse modo, a oposição agente/paciente.

Dentre as subjetividades analisadas nesse estudo, encontram-se os personagens Stice e John Wayne, que são comparados à máquinas; o personagem Hal comenta que é quase possível ver engrenagens rodando quando pensam. Em colaboração com o ensinamento carregado de ideias materialistas dado pelo avô Incandenza, de que a mente é um órgão do corpo, um fenômeno material (WALLACE, 2014), proponho se tratarem de subjetividades nas quais mente não possui um lugar metafísico, mas faz parte do reino material, desfazendo a oposição mente/corpo (RYLE, 2015). Desse modo, a própria pletera de subjetividades alicerçadas em diferentes fundamentos contribui para uma perspectiva pós dicotômica do romance.

## SUICÍDIO E POLIFONIA

A partir da leitura de Battin (2015), delimito suicídio como qualquer ato que extingue as próprias capacidades cognitivas e/ou leve à morte, seja consciente e voluntário ou não, podendo a morte ser um meio ou um fim em si. Com base nessa delimitação, articulo trechos do romance selecionados por conterem reflexões sobre o suicídio, tanto no nível do narrador como no nível diegético, expondo as diferentes "vozes" filosóficas sobre o suicídio que Wallace oferece no romance (BAKHTIN, 1984). Viso não uma análise extensa e exaustiva de tais discursos, mas identificar as diferentes vozes na narrativa, diferenciá-las e procurar apontar um fundamento filosófico para tal ponto de vista sobre o suicídio, seja enquanto fenômeno abstrato ou prático.

## CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Sustentando que é o cenário pós-humanista de Wallace, principalmente através da quebra de dicotomias como certo/errado e sim/não, que é capaz de promover subjetividades fundadas em perspectivas tão diferentes e diversos discursos filosóficos sobre o suicídio concomitantes e em diálogo, sem hierarquização, desembaraçando desse modo a visão monolítica e/ou binária do fenômeno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADMINGTON, Neil. Posthumanism. In: *Routledge Companion to Science and Literature*, edited by Bruce Clarke; Rossini, Manuela. New York: Routledge, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- BATTIN, Margaret Pabst. *The Ethics of Suicide*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- BRAIDOTTI, Rosi. *The Posthuman*. Cambridge, UK: Polity Press, 2013.
- BURN, Stephen J. *David Foster Wallace's Infinite Jest: a readers guide*. London: Bloomsbury, 2013.
- CADAVA, Eduardo; CONNOR, Peter; NANCY, Jean-Luc. *Who Comes After the Subject*. New York: Routledge, 1991.
- RYLE, Gilbert. *The Concept of Mind*. Filadélfia: The Great Library Collection by R.P. Pryne, 2015.
- WALLACE, David F. *Graça Infinita*. Tradução de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- WOLFE, Cary. *What is Posthumanism?*. Minneapolis: Minnesota University Press, 2010.